

Desafios contemporâneos do ensino de Sociologia na Sociedade da Informação

*Contemporary challenges in the teaching of Sociology
in the Information Society*

Irineu Francisco Barreto Junior

Doutor em Ciências Sociais – PUC-SP;
Professor do Mestrado em Direito da Sociedade da
Informação – FMU;
Docente do Mestrado em Ciências Sociais - Centro
Universitário de Vila Velha – ES.
São Paulo, SP – Brasil
ifbjunio@seade.gov.br

Resumo

Neste artigo discutem-se os desafios recentes provocados pela Sociedade da Informação para o ensino de sociologia em cursos de educação superior. Discute-se que a sinergia entre o ensino de sociologia na educação superior e a Sociedade da Informação advém das conexões entre o aparato tecnológico e a sociedade que o produziu, numa relação simbiótica e dialética. Constata-se que a constante adequação do ensino ao cenário social, econômico e político adquire novos contornos com o aparato tecnológico que causa transformações na organização das sociedades e suscita novos desafios aos professores e aos analistas dos fenômenos sociológicos. Fundamentamos o artigo em experiência docente e pesquisa bibliográfica que trata dos temas da sociologia como componente da formação superior e do advento da Sociedade da Informação.

Palavras-chave: Educação superior. Sociologia. Sociedade da Informação.

Abstract

In this article we discuss the recent challenges caused by the Information Society for the teaching of sociology in higher education courses. It is discussed that the synergy between the teaching of sociology in higher education and the Information Society comes from the connections between the technological apparatus and the society that produced it, in a symbiotic and dialectics relationships. It is noted that the constant adjustment of education for the social scene, economic and political acquires new contours with the technological apparatus that cause changes in society's organization and poses new challenges to teachers and to the analysts of sociological phenomena. The article is based on teaching experience and on bibliographic research that deals with the themes of Sociology as a component of higher education and for the advent of the Information Society.

Key words: High education. Information Society. Sociology.

1 Introdução

Neste artigo temos o objetivo de discutir desafios recentes para o ensino de Sociologia em cursos de educação superior, frente aos avanços tecnológicos e mudanças sociais provocadas pela Sociedade da Informação. Utiliza-se a experiência obtida através da atividade docente e pela revisão da literatura concernente ao temário para analisar a relevância da disciplina propedêutica Sociologia na formação nos cursos de humanidades. Analisar a educação e a Sociedade da Informação significa estabelecer relações intrínsecas entre o aparato tecnológico e a sociedade que o produziu, numa relação simbiótica e dialética. A compreensão da educação não pode prescindir da abordagem do amálgama de disputas, conflitos e relações que compõem o objeto da sociologia e componente de sociedades complexas e multifacetadas, como a brasileira.

A constante adequação do ensino ao cenário social, econômico e político adquire novos contornos com a Sociedade da Informação, período histórico contemporâneo que provoca transformações na organização das sociedades e suscita novos desafios aos professores e aos analistas dos fenômenos sociológicos.

2 Anotações conceituais sobre a Sociedade da Informação

Poucos conceitos contemporâneos são tão difundidos e ao mesmo tempo pouco compreendidos com a Sociedade da Informação. Trata-se do período histórico recente no qual são dissolvidas as fronteiras entre telecomunicações, meios de comunicação de massa e informática. É um novo estágio de desenvolvimento do capitalismo contemporâneo

voltado à produção e ao uso da informação, que alcança ainda sua distribuição através do mercado e das formas de utilização desse bem para gerar conhecimento e riqueza.

Castells (2007, *passim*) abordou com extrema acuidade a temática relacionada ao fenômeno da Sociedade da Informação ao apontar o final do século XX como um período que assistiu a acontecimentos sistêmicos que, analisados na sua amplitude, penetrabilidade e alcance social, poderiam ser caracterizados como uma verdadeira revolução. Substantivas mudanças tecnológicas concentradas nas tecnologias da informação remodelaram a base material da sociedade, formatando novas formas de relação entre a economia, o Estado e a sociedade. Talvez seja a contribuição mais significativa do autor: expandir as transformações verificadas no cenário mundial com o advento dos avanços tecnológicos para além das fronteiras técnicas, apontando para as transformações na economia, nas relações sociais, na cultura, em síntese, nas mais diversas relações humanas. Criou-se no processo um novo modo de desenvolvimento ainda não assistido na evolução histórica do capitalismo, que resultou na reestruturação desse modo de produção e na criação de uma nova estrutura social, batizada por Castells (2007) como “informacionalismo”.

Segundo Barreto (2007, p. 62), ao tratar dessa conceituação de Castells,

[...] na gênese semântica da expressão, há uma junção conceitual entre informação e modo de produção, como ocorre com o capitalismo e o socialismo, porém, revelando o resultado de inovações históricas promovidas pelo avanço tecnológico que atribuem à informação o *status* de principal mercadoria, ou valor, a ser produzido

e perseguido no terceiro milênio, reorganizando as economias capitalistas e esse modo de produção.

Conforme anotado por Castells, 145ª primeira característica do novo paradigma é que a informação é sua matéria prima: são tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores” (2007, p. 145). Dessa maneira, a possibilidade de, a partir de uma conexão de computador, pessoas se comunicarem, acessarem bancos de dados, realizarem negócios por todo o globo são demonstrações incontestáveis deste novo modo de produção. A chamada “Sociedade de Informação” propicia um novo passo nas relações entre as nações, influenciando sistemas políticos e econômicos e a própria soberania de cada povo.

O ensino de Sociologia deverá estar sintonizado às transformações sociais contemporâneas, num *mix* entre teorias clássicas e recentes mediadas pelos fenômenos provocadores das mudanças dialéticas da contemporaneidade, tal como o aparato tecnológico da Sociedade da Informação.

3 A necessidade de aprender e ensinar Sociologia

O Brasil enfrentou, a partir da década de 1990, uma expansão do número de cursos e matrículas no ensino superior, particularmente aqueles oferecidos pela rede privada de ensino. Reflexo de uma política governamental, essa disseminação por um lado permitiu a inclusão de setores sociais até então excluídos do ensino superior, porém provocou a proliferação de universidades, centros universitários e

faculdades sem que houvesse garantia da qualidade dos cursos oferecidos.

Independentemente da classe social da qual são oriundos esses novos estudantes, a disseminação do ensino superior diminuiu a faixa etária de ingresso dos jovens nesse estágio de formação, fez do vestibular uma mera formalidade burocrática e provocou a ocorrência de uma oferta de vagas superior do que quantidade de interessados nos cursos universitários. Essa situação provoca novos desafios para os docentes, pois os alunos ingressos na universidade trazem consigo uma séria de deficiências de formação que acabam comprometendo o processo cognitivo e a aprendizagem desses ingressos. Para êxito em um curso superior e na superação de uma formação meramente tecnicista, exige-se do estudante uma série de referências sobre o mundo no qual ele está inserido, noções sobre política mundial e nacional, percepção para questões ambientais, além de referências culturais, étnicas e, particularmente no caso das humanidades, familiaridade com a leitura e um domínio mínimo da língua portuguesa.

Sem uma consistente formação básica, o estudante não terá as condições elementares para estabelecer as relações entre o conteúdo ministrado no ensino superior, sua realidade e a do mundo na qual ele se insere, o que afeta o processo cognitivo, pois, para a efetivação do aprendizado, o estudante deverá elaborar as novas informações recebidas com aquelas que formam seu repertório e sua experiência, sejam estas obtidas no ensino formal ou no convívio familiar, comunitário ou social, provocando as sinapses necessárias para sua plena formação técnica e humanística.

E, na realidade, verifica-se que o aluno tem desembarcado no ensino superior sem o preparo ou a formação necessários para cursar essa graduação,

o que acaba provocando desinteresse pelos conteúdos ministrados, falta de adesão às atividades propostas pelos docentes e ainda elevada reprovação em matérias ou mesmo em períodos, particularmente nos primeiros semestres dos cursos superiores. Essa fragilidade na formação é provocada por uma complexa teia de fatores socioeconômicos, inclusive familiares, mas, sem dúvida, a readequação do conteúdo ministrado nos bancos escolares básicos, que propiciasse formação mais sólida, abrangente e humanista possibilitaria preparar os jovens de forma mais adequada para o nível superior.

4 Sociologia e Sociedade da Informação

A formação superior exige o debate de conteúdos teóricos e técnicos para que o estudante possa compreender aspectos éticos e filosóficos relacionados ao seu campo científico de formação. Mas a formação dos componentes específicos das áreas de conhecimento não pode ser apartada da realidade social adjacente. O ensino de Sociologia pode consistir em oportunidade fecunda para estabelecer relações entre formação e práticas profissionais específicas e a realidade contemporânea, sendo esse um dos pontos avaliados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) com a submissão dos alunos ao Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade).

E a sociologia promove a análise acerca de que maneira a sociedade está intrinsecamente relacionada à ocorrência de conflitos e embates que se revestem, ora de aspectos políticos, ora de questões étnicas, culturais, religiosas ou ideológicas. Exemplo disso são as transformações provocadas na contemporaneidade pelo fenômeno da Sociedade

da Informação. Advento cujos marcos históricos e tecnológicos iniciais foram a convergência digital, a dinâmica de indústria da produção de *softwares* e *hardwares*, além da disseminação da internet, em escala mundial. A Sociedade da Informação tem provocado uma série de mudanças nas relações sociais, econômicas, culturais, jurídicas entre outras, que forçam transformação dos paradigmas habitualmente utilizados para compreender a ordem mundial contemporânea e os fenômenos jurídicos firmados para assegurar o pacto social necessário para manutenção dos grupos humanos no século XXI.

Fenômenos relacionados ao convívio humano no espaço virtual – internet, realidade virtual – e uso constante de novas tecnologias de comunicação têm forçado o surgimento de uma nova perspectiva analítica contemporânea, fortemente amparada na metodologia analítica da sociologia, na busca de uma compreensão sobre o alcance e as dimensões dessa “revolução digital”.

O ensino de sociologia nos diversos cursos é fator de fortalecimento da formação do aluno e, sem dúvida alguma, fornecerá elementos analíticos para que os estudantes universitários possam analisar essa realidade complexa. No âmbito das discussões travadas no campo científico das humanidades, encontram-se elementos que permitem ao estudante um contato crítico com a realidade adstrita. Isso pode propiciar a reflexão e a análise sobre aspectos da vida social, econômica, política e cultural adjacente, inclusive qualificando-o de forma mais acurada para o exercício pleno de sua cidadania e ensejando uma formação mais universal e humanista.

Mas, para tal, faz-se necessário estabelecer qual concepção de sociologia é adotada neste artigo e suas conexões com a Sociedade da Informação.

Pedro Demo (2001) ensina que, ao se tratar de concepções humanas e fenômenos históricos, tais como conceitos científicos, é necessário determinar as definições utilizadas, uma vez que serão permeados por uma visão de mundo daqueles que o concebem.

O mesmo cabe para a definição de sociologia. Sem dúvida, existem diversas avaliações a respeito dessa ciência social e aqui não irá se enfrentar o objetivo de, minuciosamente, examinar as diferentes visões sociológicas surgidas desde seu nascedouro. Procurar-se-á estabelecer um parâmetro de qual é a sociologia mais adequada a ensino dos estudantes universitários, levando-se em consideração as necessidades e os desafios aos quais estes serão submetidos pelo restante de suas trajetórias pessoais.

Como faz Pedro Demo (2001, *passim*) ao tratar da ciência, será demonstrado, inicialmente, qual a concepção do que não é sociologia defendida neste texto.

Não é sociologia o senso comum sobre os fenômenos sociais, políticos, econômicos e culturais circunscritos à realidade histórica ou contemporânea. O senso comum é uma forma de conhecimento válida e suficiente para uma série de atividades da vida humana, mas que não apresenta profundidade e reflexão crítica necessárias para tratar dos fenômenos complexos, como aqueles tratados pela sociologia. Todos possuem concepções do mundo e da realidade que os cerca. O que diferencia o professor de sociologia é que ele consegue analisar essa mesma realidade para além do senso comum, incorporando, nesta análise, a metodologia inerente a este campo científico, tema que será mais bem analisado posteriormente, e trás consigo um repertório de informações, postura reflexiva e crítica sobre esses fenômenos. Isso legitima o seu discurso, faz com que haja adesão dos estudantes ao conteúdo ministrado e reveste esta prática docente do requisito

da autoridade estabelecida pelo saber, o que pode ser fundamental no êxito do processo cognitivo.

Além disso, o senso comum peca por ser: ingênuo, crédulo, inconsistente e superficial – posturas antagônicas àquelas do conhecimento sociológico almejado. Para superá-lo o professor de sociologia deve manter aguçada sua capacidade de informar-se, acompanhando estudos e pesquisas, quantitativas ou qualitativas, que tratem da realidade contemporânea; utilizando-se de todas as mídias disponíveis – jornais, revistas, internet –; e constantemente recorrer à leitura dos textos clássicos, tradicionais e contemporâneos, tema ao qual o artigo retornará.

Com a Sociedade da Informação e a disseminação de conhecimento em escala planetária pela internet, o desafio da superação do senso comum reveste-se da tarefa de selecionar entre a enorme quantidade de informações disponíveis quais são aquelas realmente precisas e confiáveis para os estudos e a docência. As páginas pessoais, *blogs*, e mesmo aquelas de construção coletiva (como a Wikipédia) são vulneráveis a imprecisões, erros históricos e distorção da realidade por critérios ideológicos. O senso comum costuma selecionar as informações pelos critérios dos sítios eletrônicos de busca (como Google e Yahoo) cujos critérios de relevância são diferentes daqueles que baseiam a pesquisa científica.

Da mesma forma, não é sociologia o dogmatismo, visão de mundo que concebe verdades absolutas, inquestionáveis, imutáveis, cristalizadas no tempo mesmo que rechaçadas pelos fatos e pela realidade histórica. A sociologia, como campo científico, deve estar sempre disposta a rever e rediscutir seus paradigmas e modelos de interpretação da realidade, uma vez que se arvora a analisar e compreender uma realidade dinâmica e em constante transformação, a realidade social.

Frente a estes desafios, a sociologia deve re-discutir amiúde seus paradigmas e seus modelos interpretativos, sob o risco de tornar-se um campo dogmático, e não científico. Não se quer com isso dizer que existe neutralidade nas ciências sociais. Desde Max Weber (1988, *passim*) esta questão encontra-se aberta, uma vez que o cientista social ao escolher seu objeto de pesquisa já estará denotando suas concepções de mundo e sua ideologia. A ideologia é inerente à condição humana. O desafio é controlar a ideologia tanto no fazer ciência, quanto no ensinar ciência.

Mais funcional, do ponto de vista pedagógico, é discutir sobre política e ideologia com naturalidade, sem estigmatizar essas importantes práticas da vida social, e admitir que apesar de todos comungarem de concepções políticas e ideológicas, é possível analisar o mundo utilizando-se dos referenciais fornecidos pelas ciências sociais e conviver simultaneamente com essas concepções.

Assim, o professor de sociologia deve desvendar as regras da conflituosa relação entre Estado e Sociedade, da qual os estudantes são partícipes e o docente pode contribuir para que eles tornem-se pró-ativos nessa relação. Discutir e analisar as regras do jogo político com os estudantes é uma ação política, interfere na correlação de forças entre os agentes e possibilita a formação universitária além de propiciar uma discussão de temas como justiça e injustiça social, concentração de riqueza, imperialismo, direitos humanos, corrupção, entre outros atinentes ao cotidiano e à vida social.

Com o advento da tecnologia o dogmatismo adquire um novo *status* com a possibilidade de difusão de ideias pela internet, redes sociais e ferramentas de correio eletrônico. A aura de anonimato, ilusória e apenas aparente, que ronda a internet provocou uma reorganização dos agrupamentos

que renegam a abertura da discussão crítica e permitem, inclusive, novas formas de discriminação, racismo e xenofobia.

Por fim, não se considera sociologia uma reprodução dos conteúdos ministrados nas antigas aulas de estudos dos problemas brasileiros (EPB), educação moral e cívica (EMC) ou organização social e política brasileira (OSPB). Cursos ministrados durante o regime de exceção brasileiro pós-1964 retratavam a realidade social numa perspectiva de manutenção do *status quo*, desprovidas de conteúdo crítico ou mesmo falseando a realidade, o que impossibilitava uma reflexão aprofundada do cenário nacional e internacional daquele período. Essa perspectiva não se sustenta perante o aparato tecnológico que força a associação, numa visão sociológica, entre as transformações na dinâmica social e um processo ininterrupto e dialético, de profunda capilaridade e alcance, sem a mirada de um fim da história ou fim dos processos de mudança social.

4 Considerações finais

Estabelecido o marco das visões de mundo que não são consideradas sociológicas, é possível passar, então, a tratar da definição adequada desta ciência surgida no século XIX e de que maneira ela deve ser tratada nos dias de hoje.

Sociologia é uma ciência que se diferencia da observação comum da realidade social, econômica, política, cultural etc. em razão do seu método de investigação, compreensão e análise dos eventos da relação humana. O homem, desde que se tornou gregário, analisou e refletiu sobre os meandros da vida em grupo. Isso não significa que havia um método sociológico na pré-história ou na antiguidade. O marco de criação desta ciência é a definição do seu

método estabelecido na análise de seus primeiros autores: Durkheim, Weber e Marx. As investigações e as análises formuladas por estes clássicos revestiram a observação sociológica de conotação científica, o que legitima sua análise, oferece consistência às suas descobertas e desvenda as regras das ações e relações humanas permeadas por aspectos contraditórios, conflituosos e inexoráveis nas principais transformações verificadas na história da humanidade.

Os clássicos devem ser sempre relidos pelo professor de sociologia, mas no repertório do docente deverão estar presentes também autores modernos e contemporâneos que atualizam a reflexão sociológica de acordo com as transformações históricas e sociais e adequam a teoria e o método sociológicos até os dias recentes – Manuel Castells, Anthony Giddens, Edgar Morin, Pierre Bourdieu, Noam Chomsky, Boaventura de Souza Santos – e ainda aqueles que analisam a realidade brasileira, como Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Fernando Henrique Cardoso, Francisco de Oliveira, Ricardo Antunes e Gabriel Cohn. Revisitar constantemente o pensamento sociológico afasta o docente dos dogmas tão perniciosos à reflexão sociológica e fornece elementos analíticos para uma vigorosa e acurada análise da sociedade contemporânea.

Dessa forma, o professor de sociologia é aquele que, munido das referências e da teoria fornecidas pelos autores clássicos e contemporâneos, elabora e sintetiza uma perspectiva da realidade complexa das relações sociais para que possa ser compartilhada, analisada e debatida com os estudantes em qualquer grau de ensino. E o professor é aquele que traduz o conteúdo dos clássicos, e tra-

duzir o jargão sociológico – muitas vezes inexpugnável para os estudantes.

Referências

BARRETO JUNIOR, Irineu Francisco. A relevância do conceito Sociedade da Informação para a pesquisa jurídica. In: PAESANI, Liliana Minardi. *Direito na Sociedade da Informação*. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. Abordagens recentes da pesquisa jurídica na Sociedade da Informação. In: PAESANI, Liliana Minardi. *Direito na Sociedade da Informação*. São Paulo: Atlas, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA. *Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil*. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

CASTELLS, Manuel. *A era da Informação: economia, sociedade e cultura*. V. I. A sociedade em rede. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COHN, Gabriel. *Sociologia para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. 1. ed. 4. tiragem. São Paulo: Atlas, 2001.

MALIN, Ana. O mal-estar brasileiro na Sociedade da Informação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação Seade, v. 12, n. 4, 1998.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

WEBER, Max. *Ciência e política. Duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1998.

recebido em 21 out. 2010 / aprovado em 2 dez. 2010

Para referenciar este texto:

BARRETO JUNIOR, I. F. Desafios contemporâneos do ensino de Sociologia na Sociedade da Informação. *Dialogia*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 231-237, 2010.
